

Mulheres e homens luteranos: leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989)

Claudete Beise Ulrich*

Introdução

Ab, eu acredito que o que me motivou assim a trabalhar dentro do Pastorado foi sempre aquela questão de ajudar mulheres a acharem o seu espaço, de ocupar o seu espaço, e de acreditar nas suas potências. E a leitura de uns livros bem arrojados, né... O Relatório de Hite, que falava sobre toda a sexualidade feminina. Então, isso foi muito importante... poder conversar com os jovens sobre o prazer, o corpo, a sexualidade (Panke, 2008, p. 6).

Rita, a primeira pastora a assumir o ministério pastoral na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em 1976, em Candelária, interior do Rio Grande do Sul, destacou que seu trabalho esteve ligado com o “ajudar” as mulheres a encontrarem e ocuparem o seu espaço. Ela indicou a leitura de livros “arrojados” e citou, como exemplo, *O Relatório Hite*, apontando para a sexualidade feminina, o corpo e o direito ao prazer. Essa leitura não foi somente uma leitura pessoal, mas o livro foi lido coletivamente com grupos de jovens¹. A pastora, em plena ditadura militar

* Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

¹ A autora deste artigo fez parte desse grupo de jovens e também leu o *Relatório Hite*. Creio que foi a minha primeira leitura feminista.

brasileira, fez uso da leitura do *Relatório Hite* em seu trabalho pastoral, discutindo-o com grupos de jovens. A sexualidade, nesse período histórico, começou a ser discutida de forma mais aberta, saindo do mundo privado². O tema da sexualidade, desvinculado da procriação, era parte essencial da chamada “revolução cultural” (vf. HOBSBAWM (1995), uma das lutas principais do movimento feminista.

É importante lembrar, de acordo com Joana Maria Pedro, que:

a atuação dos movimentos de mulheres e feministas que, nos Estados Unidos e em países da Europa Ocidental, reuniam milhares de manifestantes nas ruas, lutando por direitos, e ainda organizavam grupos de consciência em inúmeras cidades, lutando pela promoção da mudança cultural, não pôde ser vivida da mesma forma em países como os do Cone Sul (Pedro, 2007, p. 5).

Esses países viviam sob ditaduras militares. Ainda segundo a mesma autora, “a ditadura, seja iniciada nos anos sessenta como no Brasil, ou em diferentes momentos (1966-1973 e 1976-1983), como na Argentina, criou um contexto muito diferente” para a atuação dos movimentos de mulheres e feministas.

Durante o período de 1964 a 1989, inúmeros livros circularam internacionalmente, levando as ideias feministas para diferentes lugares, inclusive para o Brasil, apesar da ditadura militar. A circulação da literatura feminista, como foi possível perceber no depoimento de Rita Panke, aconteceu não somente nas capitais ou nas universidades brasileiras, mas também em cidades pequenas, como Candelária, no interior do Rio Grande Sul, e em grupos ligados à Igreja, aqui no caso, a IECLB.

O presente artigo, como fruto da pesquisa de pós-doutorado da autora³, objetiva refletir sobre as leituras feministas realizadas por homens e mulheres ligados à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e

2 Veja mais sobre o *Relatório Hite* em NECKEL (2004). Percebe-se que essa leitura teve influência nas identificações com as lutas feministas.

3 Pós-doutorado realizado na UFSC de dezembro de 2007 a novembro de 2008, com o apoio do CNPq, tendo como supervisora de pesquisa a Profª. Drª. Joana Maria Pedro: “Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar (1964-1989) e a relação com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)”, pesquisa inserida no “Projeto Cone Sul: ditaduras, gênero e feminismos (1960-1990)”.

a sua identificação com os feminismos, no período da ditadura militar (1964-1989). Para constituir uma narrativa histórica que tratasse das relações entre mulheres e homens que professaram a confessionalidade luterana (IECLB) e se identificaram com os movimentos de mulheres e os feminismos naquele período, tornou-se necessário a utilização de diferentes fontes, dentre as quais a fonte oral foi de fundamental importância.

Como afirma Verena Alberti (2004, p. 19), “[...] as entrevistas têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”. Na pesquisa em história, lidamos sempre com indivíduos, mas na História Oral em particular, percebemos a presença desses indivíduos, e nessas circunstâncias sabemos que “a História Oral diz respeito a versões do passado, ou seja, à memória [...] que é um processo pessoal” (Portelli, 1997, p. 16). Cleci Eulália Favaro (1993, p. 159) destacou que “a memória é, por conseguinte, o elemento-chave no processo pessoal do depoente”.

Marina Maluf (2001, p. 24) aponta para a necessidade de pensarmos o fundamento da recordação, que segundo ela é dado por um sentimento de realidade. O narrador ou a narradora, quando narra sobre o seu passado, tende a acreditar que está trazendo a verdade absoluta sobre esse passado. Para a autora, o ato de relembrar não significa que o narrador trouxe seu passado puro e intocado, mas, ao contrário, o ato de relembrar busca reconstruir o passado a partir da vida atual, ou seja, pelo lugar social que aquele que lembrou ocupa no momento presente. Maluf (2001, p. 31) diz que “nada é esquecido ou lembrado no trabalho de recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra. Se lembramos, é porque a situação presente nos induz a lembrar”.

Desse modo, as entrevistadas e os entrevistados, ao narrarem suas trajetórias, foram se construindo na narrativa a partir da sua situação atual, pois não é possível reviver o que elas viveram nem voltar a um passado intocado. Essas mulheres e esses homens lançaram um olhar sobre seu passado, que não deixou de ser uma elaboração feita a partir do presente, sendo também uma perspectiva particular e subjetiva. Portanto, deve-se perceber a narrativa dos entrevistados e das entrevistadas como um ponto de vista que pode ser contraditório e incerto.

As mulheres entrevistadas tiveram contato com o feminismo e a literatura feminista especialmente no período de estudos, no trabalho pastoral, no envolvimento com grupos ecumênicos e movimentos sociais.

Já o contato dos homens entrevistados com o feminismo e a literatura deu-se também no período de estudos, mas foi no trabalho pastoral, ecumênico e movimentos sociais que eles se sentiram mais questionados pelas teorias e práticas feministas.

Foi importante perceber, na pesquisa, a circulação de leituras e teorias feministas. Neste artigo, procuro mostrar como se formaram as subjetividades feministas luteranas. Presto especial atenção aos nomes de feministas famosas que se repetem nas entrevistas, não só naquelas realizadas por mim, mas também nas demais entrevistas do projeto maior, no qual me insiro: “Projeto Cone Sul: ditaduras, gênero e feminismos (1960-1990)”⁴. Além dos nomes das feministas que se repetem, também atentei para o nome daquelas que são diferentes para esse contexto do feminismo entre as pessoas ligadas à religião luterana. Portanto, este trabalho aponta para uma especificidade: além de perceber nomes de leituras e autoras feministas que são citadas na maioria das entrevistadas no Brasil, as pessoas por mim entrevistadas apontam para outras leituras feministas. Isso mostra a abrangência e a diversidade das leituras feministas.

Um pouco sobre a IECLB no período da ditadura militar

A IECLB, inserida no tecido social brasileiro, não ficou imune às convulsões sociais que se verificaram no país com o golpe militar de 31 de março de 1964). O golpe de 1964 foi visto com bons olhos por grande parte das elites das igrejas, sendo também bem recebido na IECLB por grande parte dos pastores e membros. Segundo Rolf Schünemann (1992, p. 49), o golpe chegou a ser aclamado como salvador. Isso deveu-se em parte porque, na década de 1960, cerca de 30% dos pastores eram estrangeiros: a maioria era de alemães, profundamente marcados pelo anticomunismo (PRIEN, 2001, p. 540). Com medo do comunismo, os militares foram recebidos como resposta de Deus à oração dos fiéis.

O questionamento às igrejas ocorreu parcialmente pelos estudantes de Teologia. A Faculdade de Teologia, em São Leopoldo, tornou-se um lugar por onde passou a abertura da IECLB às questões sociopolíticas.

4 Coordenado por Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. Em maio de 2009, realizou-se o Colóquio Cone Sul. Veja site do evento: www.coloquioconesul.ufsc.br.

Alguns desses estudantes também participaram de intercâmbios com experiências pastorais ecumênicas na Arquidiocese de Recife e Olinda, que tinha à sua frente D. Hélder Câmara. Quando voltaram do intercâmbio, começaram a questionar e a cobrar um maior engajamento social da IECLB (Schünemann, 1992, p. 62).

Um outro fator importante para o despertar de uma atuação mais crítica da IECLB dentro da realidade brasileira aconteceu com a transferência da V Assembleia da Federação Luterana Mundial (FLM) de Porto Alegre (Brasil) para Evian (França), em 1970. É importante salientar que o despertar da direção e membros da IECLB para a realidade política do país se deu, em parte, a partir do exterior, devido às denúncias internacionais a respeito da violação dos direitos humanos (Schünemann, 1992, p. 87-89). O autor afirma que “a transferência da V Assembleia Geral da Federação Luterana Mundial operou como uma terapia de choque, abrindo as portas para um posicionamento sociopolítico mais crítico e participativo” (Schünemann, 1992, p. 95).

No fim da década de 1960, a Teologia da Revolução (Richard Shaul)⁵ e a Teologia da Esperança (Jürgen Moltmann)⁶ questionaram a atuação das igrejas. Na década de 1970, a Teologia da Libertação (Gustavo Gutiérrez)⁷ e a Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire)⁸ contribuíram para uma reflexão crítica e uma atuação da IECLB junto aos movimentos populares.

5 Schwantes, Milton. *Entrevista: A teologia e o direito dos pobres*. Segundo o entrevistado: “Os acontecimentos revolucionários em Cuba, em 1959, punham na ordem do dia o tema da transformação social [...] A ‘teologia da revolução’ tematizava a participação cristã nestas transformações. No Brasil, o golpe de 1964 desmantelou mais e mais essa teologia, que representava os setores mais dinâmicos dos protestantes nos anos 1950 e 1960”.

6 Jürgen Moltmann, teólogo luterano, alemão, inspirou-se na Filosofia da Esperança de Ernst Bloch. Ele desejava uma renovação na teologia cristã e na práxis da comunidade cristã. A esperança no Cristo crucificado e ressuscitado espera algo novo, em meio às contradições: futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão. A esperança coloca o cristão em movimento e ação.

7 Vê. Gutiérrez (1976, p. 75ss). O conceito de “teologia da libertação” nasceu a partir da realidade cultural, social, econômica e política sob a qual se encontrava a América Latina. O continente vivia em meio a ditaduras militares. Ela se configurou como uma reflexão sobre a prática dos cristãos engajados com a transformação social e política dos países da América Latina.

8 Paulo Freire escreveu o livro *Pedagogia do oprimido* no exílio, no Chile, em 1968. Ele entende que a libertação dos opressores, feita pela movimentação e conscientização dos oprimidos, poderia ser o elo propulsor para construir uma sociedade de iguais. Neste sentido, a educação aparece com um papel central para efetivar o seu pensamento. O educador necessita conhecer em profundidade cada comunidade onde irá atuar. A educação popular teve uma grande influência na prática pastoral.

Como já se constatou com base no depoimento de Rita Marta Panke, foi em meados da década de 1970 que as primeiras pastoras ascenderam ao ministério ordenado na IECLB. A possibilidade de as mulheres estudarem Teologia e pleitearem a ordenação deve ser vista, também, como fruto de uma época em que as mulheres estavam discutindo seus direitos, no movimento feminista ou no movimento de mulheres. Esse período histórico foi marcado, segundo Joana Maria Pedro (2005, p. 77-98), pela Revolução Sexual e pela Segunda Onda do Feminismo⁹, com a reivindicação de uma sociedade mais igualitária, onde se afirmava “que o pessoal é político”. A autora entende

como movimento feminista, as lutas que reconhecem as mulheres como especificamente e sistematicamente oprimidas. É a afirmação de que as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza e, portanto, são passíveis de transformação. Como movimento de mulheres, entendo movimentos cujas reivindicações não são de direitos específicos das mulheres. Trata-se de movimentos sociais cujos componentes são, em sua maioria, mulheres. (Hirata apud Pedro, 2008a, p. 157).

Com o movimento feminista, surgiu no cenário a Teologia Feminista¹⁰, questionando o silêncio e a invisibilidade das mulheres nas Sagradas Escrituras e na história eclesial, a partir de uma hermenêutica da suspeita.¹¹ Se o ponto de partida da hermenêutica feminista é a experiência das mulheres, então na América Latina isso significava, para a maioria das mulheres, uma experiência marcada pela opressão cultural, agravada pela opressão econômica, social e étnica, significando para a maioria delas uma

9 Segundo a autora: “O feminismo chamado de ‘segunda onda’ surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: ‘o privado é político’”.

10 Vê. Ruether (1993, p. 18). “A singularidade da Teologia Feminista não reside em seu uso do critério da experiência, mas antes, em seu uso da experiência das mulheres, que no passado foi quase que excluída da reflexão teológica.”

11 Vê. Ströher (2005, p. 119). “A Teologia Feminista [...] Ao iniciar o processo interpretativo do texto sagrado pela hermenêutica da suspeita, pergunta pelas histórias não contadas, pelas experiências de opressão e libertação e pelas formas como a história das mulheres foi contada e interpretada.”

dupla e até tripla jornada de trabalho. Segundo Silvana Suaiden (2004, p. 148), “é no processo de revisão crítica e autocrítica da teologia da libertação que a Teologia Feminista na América Latina encontra um espaço novo de possibilidades e desafios para o presente e o futuro da prática teológica no continente”. A experiência cotidiana das mulheres pobres latino-americanas colocou-se, portanto, como uma reflexão crítica em relação ao conceito de pobre, bem como a luta de classes como o motor da história, dentro da Teologia da Libertação e do sujeito feminino universal presente na Teologia Feminista¹² que se produziu na Europa e nos Estados Unidos.

Toda essa mudança na reflexão encontra-se inserida no movimento feminista que também vai se firmando em solo brasileiro e latino-americano, indicando que as experiências são contextuais e históricas e não universais. É importante destacar ainda que a atuação de pastoras na IECLB iniciou-se em 1976, logo após a definição da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1975¹³. Isso significa também que as mulheres já estavam estudando Teologia, mas a sua inserção como pastoras em comunidades só aconteceu na década de 1970.¹⁴

Leituras feministas: leitoras e leitores

Para melhor entender a identificação de mulheres e homens da IECLB com o movimento de mulheres e os feminismos, entrevistei 13 mulheres (2 irmãs diaconisas, 2 jornalistas e 9 pastoras) e 15 homens de confessionalidade luterana (1 agrônomo, 5 professores e 9 pastores), 1 pastora da Igreja Metodista muito atuante no movimento ecumênico e 1 militante política não ligada a nenhuma igreja. Contatei essas mulheres e esses homens por e-mail, por telefone e por intermédio de contatos pessoais quando da realização de algum evento no âmbito da IECLB ou no movimento

12 De acordo com Silva (1994).

13 Vê Pedro (2006, p. 250). “Uma das narrativas fundadoras do feminismo da Segunda Onda no Brasil informa que, graças à definição, pela ONU – Organização das Nações Unidas, de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, e como ano de início da Década da Mulher, aconteceu no Brasil o ressurgimento do movimento feminista ‘organizado’.

14 Consultar dissertação de mestrado: Freiberg, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*, 1997.

ecumênico. Como essas pessoas encontram-se espalhadas por todo o Brasil, muitas responderam à entrevista por e-mail, outras tiveram sua entrevista gravada em fita cassete, digital, transcrita também pela pesquisadora. A entrevista contou um roteiro próprio, organizado em conjunto com a professora supervisora da pesquisa, Joana Maria Pedro, em que foi dada prioridade à narrativa da participação da entrevistada ou do entrevistado em movimentos de mulheres e feministas.

Buscou-se manter uma relação ética com a fonte oral, procurando não constranger a pessoa entrevistada. As entrevistas gravadas foram transcritas e entregues para que as(os) entrevistadas(os) pudessem lê-las, não tendo um sentido diferente daquilo que foi proferido, e autorizá-las para utilização na pesquisa. Foi com esses cuidados éticos que abordei cada uma das pessoas que aceitaram me receber para o trabalho que me dispus a realizar. A fonte oral é uma fonte viva e, portanto, em construção, inacabada, sempre surgirão novas versões sobre um mesmo acontecimento. “A pessoa entrevistada não pode ser vista apenas como uma informante, ela também tem o seu juízo de valor sobre o acontecido” (Pedro, 2007, p. 13). Cada entrevistada ou entrevistado precisou ser vista(o) em sua subjetividade e em seu contexto.

Nesse sentido, foram dadas diferentes respostas para a pergunta “Quais leituras feministas realizou e que a(o) influenciaram?” Christa Berger (2008, p. 5), professora universitária, que no período de tempo pesquisado era estudante de Jornalismo, disse: “Primeiro foram artigos de análise de conjuntura da América Latina, depois Simone de Beauvoir, Agnes Heller, Mary Langer, Domitila e muitos anos depois os estudos de gênero na perspectiva dos estudos culturais. No Brasil, Rose Marie Muro, principalmente”.

A entrevistada apontou, em primeiro lugar, para a leitura dos artigos sobre a conjuntura da América Latina, tendo aproximações com os movimentos de esquerda e com o marxismo. Essas leituras foram configuradas pelo momento que se vivia na América Latina: ditaduras, perseguições políticas. Ela afirmou:

No México. Tínhamos um grupo de brasileiros que discutiam as possibilidades de abertura, democratização e instalação de um governo revolucionário no Brasil e no grupo de mulheres que discutia e produzia uma revista feminista FEM no México. Nos

anos 80 em POA junto ao PT e ao Movimento de mulheres que mais tarde formou a Federação de Mulheres quando me retirei, pois a questão feminista passava a ser instrumentalizada por partidos políticos (Berger, 2008, p. 4).

Foi possível perceber que Christa teve uma dupla militância: movimento de resistência ao governo ditatorial e participação no grupo de mulheres. Em termos de literatura feminista, citou como primeiro contato a leitura de Simone de Beauvoir e apontou também para a feminista brasileira Rose Marie Muraro.

Sybila Baeske, jornalista, aposentada, afirmou também que o primeiro contato com a literatura feminista foi com Simone de Beauvoir.

O primeiro contato foi o livro de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo”, lá por 1963. A partir daí, li artigos em jornais, revistas e livros, textos de organizações ecumênicas, cujo detalhamento não tenho condições de fazer agora. Não me lembro de nada marcante do movimento feminista na EST, de cuja existência soube bem mais tarde (Baeske, 2008, p. 6).

Sybila lembrou que o seu primeiro contato com uma literatura feminista foi o livro de Simone de Beauvoir *O segundo sexo*. Ela até mesmo apontou para uma data: “lá por 1963”. Importante salientar que Sybila estudou Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Christa estudou Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) e sociologia na UFRGS. Ambas estudaram em universidades públicas, onde o contato com o livro de Simone Beauvoir parece ter sido marcante¹⁵. Sybila falou também das suas leituras de textos de organizações ecumênicas e disse que não se lembrava de nada marcante do movimento feminista na, então, Faculdade de Teologia da IECLB, hoje Escola Superior de Teologia, e ficou sabendo somente mais tarde que lá existia um movimento feminista.

15 Vê Romano (2002, p. 96-98). Em 12 de agosto de 1960, Simone de Beauvoir e Sartre desembarcaram no Brasil, no aeroporto de Guararapes (Recife). Recepcionados por Jorge Amado, começaram sua trajetória de palestras em universidades pelo país, passando por Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

No entanto, Rita Marta Panke, a primeira pastora a assumir o ministério pastoral na IECLB, assim se expressou:

Em primeiro lugar foi a leitura do Evangelho. E dentro do Evangelho nós temos muitos eventos onde Jesus estava junto com as mulheres, as valorizava e procurava incentivá-las a também encontrar e descobrir os seus valores. O Relatório de Hite, né, que falava sobre toda a sexualidade feminina. Então, isso foi muito importante... poder conversar com os jovens sobre o prazer, o corpo, a sexualidade (Panke, 2008, p. 5-6).

Rita chamou a atenção para uma nova leitura do Evangelho, visibilizando as histórias de mulheres, destacando a valorização que elas encontravam junto a Jesus. Ela destacou uma nova hermenêutica bíblica, onde as mulheres aparecem como protagonistas. Chamou a atenção para uma história das mulheres com Jesus. A autora Joana Maria Pedro (2005, p. 85) afirmou que “na trilha da História das Mulheres, muitas pesquisadoras e pesquisadores têm procurado destacar as vivências comuns, os trabalhos, as lutas, as sobrevivências, as resistências das mulheres no passado”. Portanto, a leitura do Evangelho, a partir da história das mulheres, se apresentou como uma perspectiva importante para as mulheres que assumiram o ministério pastoral.

Importante lembrar que Rita não se definiu feminista, mas sempre acreditou que “a mulher é tão capaz que nem o homem”. Ela nunca usou, em seu trabalho, a palavra feminismo, “a gente nem entendia o que era feminismo”. Para ela, a motivação sempre foi afirmar para as mulheres: “você tem capacidade, vocês também tem o direito de ocupar o mesmo lugar que o homem ocupa” (Panke, 2008, p.7) Percebi que a palavra feminismo foi vista com certo preconceito, mas as ideias e lutas do feminismo foram colocadas em prática pela pastora. Durante muito tempo ser feminista foi considerado como sinônimo de ser feia, mal-amada, masculinizada, lésbica e ressentida. Por isso, muitas mulheres não queriam ser identificadas com o feminismo (ver Pedro, 2006a, p. 255-70).

A pastora Regene Lamb, atuante em Cachoeira do Sul (RS), narrou:

Começamos o grupo de mulheres na Faculdade de Teologia lendo: Se me deixam falar, a história de Domitila Barros Chungara

na Bolívia, editado por Moema Viezzer; Mulher, objeto de cama e mesa, de Heloneida Studart; da mesma autora: Mulher e luta de classes; Betty Friedan, Mística Feminina; Simone de Beauvoir; O segundo sexo; Elisabeth Moltmann-Wendel; Dorothe Sölle; Luise Schrottoff; Ivone Gebara (Lamb, 2008, p. 5).

O grupo de mulheres na Faculdade de Teologia foi fundado em 1979 e funcionou por mais de 20 anos. Reunia-se “com o intuito de refletir sobre *nosso* papel de mulher na FAC.TEOL [Faculdade de Teologia], na igreja e na sociedade”, como escreveu Haidi Jarschel (1986, p. 144-145). Na formação desse grupo está presente a categoria “mulher”. Somente mulheres, estudantes de Teologia, participavam do grupo de mulheres na Faculdade de Teologia.

Esse grupo de mulheres, em meu entender, apresentou características semelhantes às dos grupos de reflexão ou de autoconsciência organizados pelas feministas de Segunda Onda. Foi interessante perceber que o grupo de mulheres na Faculdade de Teologia iniciou-se quatro anos depois do Ano Internacional da Mulher, celebrado em 1975. De acordo com Joana Maria Pedro (2006b, p. 254-269), os grupos de consciência ou grupos de reflexão, formados exclusivamente por mulheres, tinham o objetivo de ampliação da consciência. Nesses grupos, as mulheres tinham um espaço de conversa não só de temas superestruturais, mas temáticas do cotidiano eram levantadas e tratadas como parte de uma política de (re)invenção constante do sujeito Mulher, a partir de uma metodologia chamada *linha da vida*. Esses grupos foram, conforme constatou a autora, uma forma de várias mulheres se identificarem com o feminismo no período de 1970-1978. No caso das estudantes de Teologia, elas sofriam com a desqualificação de estarem na Faculdade de Teologia procurando marido e não para se qualificarem como teólogas e pastoras. O grupo de mulheres foi muito importante para o fortalecimento e a permanência das estudantes na Faculdade de Teologia, bem como para a sua entrada no ministério pastoral¹⁶.

O grupo de mulheres, na Faculdade de Teologia, iniciou com a leitura de um livro de Moema Viezzer que conta a história de uma mulher

16 Veja sobre isso no depoimento de Lori Altmann, p. 8ss.

boliviana, Domitila Barros de Chungara. No livro *Se me deixam falar*, destacou-se a luta de uma mulher pobre, descendente de indígenas, esposa de um minerador, durante a ditadura militar na Bolívia. Regene destacou ainda como um dos primeiros livros lidos o da brasileira Heloneida Studart, *Mulher – Objeto de cama e mesa*, best-seller do feminismo brasileiro, no qual a autora denunciou a situação da mulher como objeto e não como sujeito da história. Destacou-se, novamente, o tema da sexualidade na reflexão do grupo de mulheres na Faculdade de Teologia e, ao mesmo tempo, a discussão sobre a realidade contextual e histórica da mulher brasileira e latino-americana. No processo reflexivo do grupo, percebeu-se, além da categoria mulher, a inclusão da categoria mulheres. Joana Maria Pedro (2005, p. 77-98) aponta para as diferentes categorias de análise utilizadas pelas feministas.

A entrevistada cometeu um equívoco quando se referiu ao livro *Mulher e luta de classes*, dizendo que também era da autora Heloneida Studart. De fato, ela está se referindo ao livro de Heleieth I. B. Saffioti, de 1976, *A mulher na sociedade de classe – Mito e realidade*. O livro de Betty Friedan, *Mística feminina*, e o de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, foram citados depois das leituras das brasileiras e latino-americanas. Os nomes das mulheres que foram citados por último são os das teólogas feministas: três autoras alemãs e uma brasileira.

Também Silvia de Oliveira Schünemann, que não foi estudante de Teologia, atua como consultora, já trabalhou como pedagoga e gestora de ONGs. Ela também participou de grupos de consciência e leituras, e a esse respeito informou: “Me lembro da primeira publicação ‘Mulher, objeto de cama e mesa’, depois disso vieram várias” (Schünemann, 1992, p. 9). Já a professora e pastora Wanda Deifelt apontou para:

A revista Encontros com a Civilização Brasileira, nos anos 80, publicou muitas matérias sobre o movimento de mulheres. A coletânea editada por Rosaldo e Lamphere, *A mulher, a cultura, a sociedade* foi muito discutido. O livro da Chauí, *Repressão Sexual*, esta nossa (des)conhecida, também nos marcou. As análises da H. Safiotti, sobre as mulheres trabalhadoras, influenciou minha análise social (fusão do marxismo com o feminismo). Em termos de teologia feminista, os livros de Rosemary Ruether e Elizabeth Fiorenza, em inglês, foram um marco (DEIFELT, 2008, p. 6).

Wanda, também participante ativa do grupo de mulheres na Faculdade de Teologia, em seu depoimento destacou que leu, primeiramente, livros que enfatizavam a relação entre mulher, cultura e sociedade, ressaltando o livro *A repressão sexual*, “esta nossa (des)conhecida”. Ela afirmou que a sua análise social (fusão do marxismo com o feminismo) se deu a partir das análises de Heleieth I. B. Saffioti sobre as mulheres trabalhadoras. Em seu depoimento, Wanda também citou por último os livros sobre Teologia Feminista, destacando-se, em suas leituras, duas autoras americanas.

A pastora indigenista Lori Altmann (2008, p. 12) atuando como professora, expressou-se assim: “Rosemary Ruether era uma delas. Poxa, agora não consigo me lembrar na época... Rose Marie Muraro na faixa do feminismo no Brasil [...]”.

A pastora metodista Nancy Cardoso Pereira, muito atuante no movimento ecumênico, trabalhando na Comissão Pastoral da Terra, assim se expressou:

[...] minhas primeiras leituras foram de discussão entre marxismo e feminismo... Muito das teóricas francesas e alemãs; no estudo dos clássicos do marxismo a relação entre família-propriedade-estado chamou muito minha atenção... Os textos das teólogas chegaram pra mim muito depois! E num primeiro momento mais da leitura feminista da Bíblia o que me deu um rumo de estudo e de pesquisa (Pereira, 2008, p. 6).

Nancy deixou também claro que as suas primeiras leituras foram de discussão entre marxismo e feminismo. A aproximação com a Teologia Feminista foi um ato segundo, como foi possível ler em sua entrevista: “Os textos das teólogas chegaram pra mim muito depois!” Essas leitoras que procuraram fazer uma discussão entre marxismo e feminismo, provavelmente, estejam também se referindo a uma discussão entre a luta geral e as lutas específicas. Essa relação conflituosa entre luta geral e lutas específicas no que diz respeito ao feminismo brasileiro foi discutido por Joana Maria Pedro (2006b) no texto “Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)”. Nem sempre as lutas das mulheres foram entendidas como prioritárias, gerando vários conflitos nos partidos de esquerda e nos movimentos populares.

Margit Lemke, alemã, casada com pastor brasileiro, atuante no movimento de mulheres da Pastoral Popular Luterana, narrou:

Este livro que te mostrei... “Die Revolution hat nicht Stattgefunden” (A Revolução que não aconteceu). Eu tinha lido de Rose Marie Muraro “A sexualidade da mulher brasileira” que achei um livro fundamental e de Doris Lessing “O Caderno Dourado”. Foram livros que descreviam o que eu pensava. Achei isso fora do sério. Os livros de literatura de Dora Lessing sobretudo. Ali estava o que eu pensava. Ela lia os meus pensamentos. Fora do sério! (Lemke, M., 2008, p. 8).

O depoimento de Margit apontou fortemente para as inter-relações de literatura feminista estrangeira e literatura brasileira. Ela chamou a atenção sobretudo para o livro de Doris Lessing *O caderno dourado*, mostrando uma forte identificação com ele. Doris Lessing é também uma autora que reside na Europa, em Londres. Margit afirmou em seu depoimento: “Ali estava o que eu pensava. Ela lia os meus pensamentos. Fora do sério!” Margit narrou que as leituras feministas realizadas se misturavam com a sua vida, afirmando aquilo que ela pensava.

Uma história da leitura feminista só pode ser feita com textos que as pessoas escrevem, com as citações, com as apropriações. Entendo “apropriações” segundo o sentido dado por Roger Chartier (1998, p. 7ss), de prática que se apodera de determinados textos ou conceitos, deles fazendo uso que não corresponde necessariamente à vontade de quem os produziu. Para o autor, é necessário que se reconheça a pluralidade das leituras possíveis de um mesmo texto, em função das disposições individuais, dos contextos culturais e sociais de cada um(a) dos(as) leitores(ras). Provavelmente, muitas apropriações das leituras feministas realizadas pelas entrevistadas nem sempre foram semelhantes ao desejo de quem escreveu os textos. Entretanto, esse tipo de história só é possível com as pessoas que deixam um legado de textos escritos. Muitas pessoas não fazem isso, isto é, não escrevem, não registram. Nesse caso, somente a fonte oral pode dar conta dessa narrativa histórica da história da leitura. Foi o que se percebeu com as leituras realizadas pelas entrevistadas.

As entrevistadas citaram autoras brasileiras, latino-americanas, europeias e americanas. As leitoras brasileiras ligadas à instituição IECLB

estavam em contato com aquilo que ocorria internacionalmente. A irmã diaconisa e psicóloga Hildegar Hertel lembrou: “A mulher pobre na história da América Latina. Outras autoras nacionais e internacionais. Artigos pertinentes ao meu envolvimento. A revista WOMEN do setor feminista da Federação Luterana Mundial” (Hertel, 2008, p. 5).

O contato com os organismos ecumênicos internacionais, como a Federação Luterana Mundial (sede em Genebra), e a leitura de uma revista feminista, editada por essa instituição, foram apontados pela irmã diaconisa luterana como fundamental para o seu engajamento social e eclesiástico. A leitura feminista conduziu a uma prática social.

É possível constatar, a partir dos depoimentos das entrevistadas, a circulação internacional da teoria feminista. Claudia de Lima Costa (2003, p. 254-259), no artigo “As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução”, lembra que é importante refletir sobre a circulação de teorias dentro do campo feminista, levando em conta o trânsito entre o hemisfério norte, tradicionalmente visto como emissor, e o hemisfério sul das Américas, que seria o receptor das teorias. No entanto, percebi que as entrevistadas não foram simplesmente receptoras, fizeram mais uma “apropriação” da teoria feminista para dentro do seu contexto. No entanto, algo importante a ser considerado numa história da leitura e na circulação das teorias feministas é o que a autora citada chama de “tradução cultural”. Para Costa (2004, p. 187-196), a tradução cultural é um espaço privilegiado para se elaborarem análises críticas sobre a política de representação e as assimetrias entre linguagens no deslocamento das teorias feministas por espaços geopolíticos diferentes. Entendo que a tradução cultural é mais fácil de perceber e avaliar a partir de um texto escrito, mas é mais complicado de perceber as suas influências num depoimento oral. No entanto, também o depoimento oral sobre determinada leitura feminista já passou por um processo de tradução pessoal, que precisa considerar o gênero, etnia e classe social, bem como o contexto sócio-histórico-cultural.

É importante frisar, ainda, que essa comunidade de leitoras por mim entrevistadas está citando feministas, teólogas, revistas internacionais, com ênfase em feministas alemãs e americanas. Em outras comunidades de leitoras feministas, certamente as ênfases seriam outras.

Já a pastora aposentada Edna Moga Ramminger, primeira a ser ordenada ao ministério pastoral na IECLB, em 1982, chamou atenção para a literatura feminista panfletária. Ela disse:

Nos anos 80 circulavam vários livretos, cartilhas de estudo (época de material mimeografado) que tratavam de feminismo. Elaborados pelo Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria (CECA) e até Serviço Social de prefeituras (como de São Paulo) serviam de material de estudo para os nossos grupos (Rammingier, 2008, p. 5).

A entrevistada colocou em pauta um tipo de literatura muito importante para o trabalho popular e comunitário. As feministas também procuraram traduzir de forma simples a teoria feminista. Isso foi muito importante para as pastoras que trabalhavam com mulheres, seja no movimento popular ou na comunidade eclesial. As autoras Branca M. Alves e Jacqueline Pitanguy (2003, p. 70) apontam que nas décadas de 1960 e 1970 “houve uma significativa expansão da literatura científica e de ficção a respeito da mulher. Multiplicaram-se os jornais e revistas, panfletos e outras publicações feministas”. As feministas, através das diferentes literaturas que produziram, procuraram tornar popular – isto é, acessível e inteligível – o que era teórico.

Até aqui relatei o que as mulheres entrevistadas registraram sobre as leituras feministas realizadas. Passarei agora a destacar o que os homens entrevistados disseram em seus depoimentos sobre as leituras feministas que realizaram.

Inácio Lemke, pastor, que trabalhou como coordenador da Comissão Pastoral da Terra, apontou:

Não sei como responder isso aqui. (...) acho que foi toda a conjuntura da época. As leituras feministas estavam muito presentes e nas reuniões junto com mulheres... Também toda a leitura da bíblia. Isso com certeza é importante lembrar, até porque isso influenciou na formulação de pregações, textos, dando uma outra visão. (...) Depois também teólogas (...) na Europa (...) Dorothee Sölle, Luise Schottroff. (...) (Lemke, I., 2008, p. 12).

O entrevistado disse: “não sei como responder isso aqui”. No entanto, ele lembrou que foi toda uma conjuntura da época, colocando as leituras feministas em pauta, pois as mulheres também estavam presentes na reunião e, certamente, reivindicavam direitos e deveres iguais. Ele também

apontou para a leitura popular da Bíblia, onde se procurou visibilizar as mulheres como protagonistas, sendo uma ferramenta importante para o engajamento das mulheres no trabalho pastoral e nos movimentos populares. Inácio narrou que esse novo jeito de ler a Bíblia influenciou as suas pregações, a elaboração de seus textos, proporcionando-lhe uma nova visão. O pastor lembrou, citou e destacou a leitura de duas teólogas alemãs feministas: Dorothee Sölle e Luise Schottroff.

Nelson Kirst, pastor e professor de Teologia, afirmou: “Não poderia indicar uma leitura específica. Minhas leituras feministas foram sobretudo documentos, posicionamentos, e textos esparsos. Nunca cheguei a estudar o assunto de maneira profunda e sistemática” (Kirst, 2008, p. 7). Da mesma forma, o pastor e atualmente editor da revista *Novo Olhar*, João Arthur Müller da Silva, disse: “Li muitos textos avulsos de teólogas e pensadoras. Não lembro de algum livro em especial” (Silva, 2008, p. 5).

Silmar Hemp (2008, p. 5), agrônomo, e Gernote Kirinuns (2008, p. 10), atualmente professor de Filosofia, não fizeram nenhuma menção a qualquer leitura feminista que os tenha influenciado. Günter Adolf Wolff (2008, p. 5), pastor, respondeu: “Artigos dos jornais da esquerda e publicações da esquerda”.

Já o pastor e professor universitário Martim Dreher (2008, p. 6) respondeu: “A necessidade provocada pela atividade acadêmica levou-me à leitura de autoras como Phyllis Trible, Letty M. Russel, Ute Weinmann, Susanne Heine, Edith Ennen, Rosemary Ruether, Eleanor McLaughlin, Ranke-Heinemann, [...]”. Ele citou teólogas feministas alemãs e americanas. Enquanto Silvio Meincke (2008, p. 6) relatou: “Li livros de Marta Suplicy e de Rose Marie Muraro”. Ele apontou para duas feministas brasileiras.

O único homem entrevistado que citou Simone de Beauvoir como primeira leitura foi Vitor Westhele, pastor e atuando hoje como professor universitário nos Estados Unidos. Ele afirmou: “Primeiro foi Simone de Beauvoir, logo a seguir vieram Mary Daly e Angela Davis. Depois disso é impossível de enumerar” (Westhele, 2008, p. 5). Vitor lembrou também de duas teólogas americanas.

Foi interessante perceber que os homens entrevistados responderam a essa questão de forma muito breve e geral. A maioria dos entrevistados não destacou nenhuma leitura de autora ou autor feminista. Vitor foi o único que lembrou Simone de Beauvoir. Foram mencionadas duas feministas

brasileiras, Marta Suplicy e Rose Marie Muraro. Os homens também citaram teólogas alemãs e americanas em relação a uma teologia feminista. Também destacou-se a importância da leitura popular da Bíblia, sublinhando a participação das mulheres.

Leituras feministas realizadas e identificações com o feminismo

Entendo identificação, de acordo com Stuart Hall, como um processo de “tornar-se”, ou seja, uma construção, um processo nunca completado. Dessa forma, a identificação é “condicional” (Hall, 2000, p. 106). Hall, em sua análise sobre o pensamento de Foucault, afirma que “o corpo tem funcionado como o significante da condensação das subjetividades no indivíduo” (Hall, 2000, p. 121). Ante uma “identificação sexuada”, muitas mulheres tiveram que se posicionar. Diante da ausência de participação das mulheres, procurou-se por uma identidade mais inclusiva, a partir de uma leitura popular da Bíblia.

A Bíblia é o livro sagrado das igrejas cristãs. De acordo com Eni Pulcinelli Orlandi (1987, p. 221), “a Bíblia é o principal espaço para instituir a verdade sobre qualquer temática e tornar um discurso legítimo. O discurso bíblico é caracterizado como aquele em que fala a voz de Deus ou representa a sua voz”. Nesse sentido, é importante entender a nova hermenêutica bíblica que nasceu em meio aos movimentos populares, comunidades eclesiais de base e movimento de mulheres.

O historiador Roger Chartier, no artigo “Comunidade de leitores”, no livro *A ordem do livros*, fez algumas considerações sobre a utilização do texto bíblico. Ele afirmou que “a fragmentação do texto bíblico, separado em unidades – capítulos e versículos –, pode propiciar uma leitura na qual seitas, grupos religiosos e indivíduos acabam se legitimando, conforme sua conveniência”. Os fragmentos de textos e versículos bíblicos podem se tornar “verdades”, sendo utilizados para justificar determinadas situações e relações sociais e políticas (Chartier, 1998, p. 19). A IECLB não procura fazer uma leitura fundamentalista da Bíblia, tendo como pressuposto exegético uma análise histórico-crítica. Isso significa que o versículo bíblico necessita ser entendido dentro do texto e o texto inserido em seu contexto.

A leitura popular da Bíblia surgiu nas décadas de 1970-1980, sendo um outro jeito de ler a Sagrada Escritura, em que o método Paulo Freire – ver-julgar-agir – foi muito importante. A Bíblia estava relacionada à comunidade e a comunidade à realidade, em que buscou-se desenvolver um processo de conscientização e atuação dos cristãos na transformação da realidade. O termo “conscientização”, na América Latina, remete especialmente ao pedagogo Paulo Freire, sendo definido como um processo de desenvolvimento através de um crítico conhecer e aprender de si mesmo e de seu contexto (ver Freire, 1980, p. 25). A leitura popular da Bíblia também teve influências das teóricas feministas, pois considerou não somente o contexto socioeconômico, mas também o cotidiano das mulheres brasileiras e latino-americanas, apontando para a necessidade de conscientização e de transformação da realidade. Esse novo jeito de ler a Bíblia foi apontado como importante pelas mulheres e pelos homens entrevistados.

Constatou-se, no entanto, diferenças e semelhanças nas leituras feministas realizadas pelas mulheres e pelos homens entrevistados. Muitos dos homens entrevistados falaram que a leitura feminista que realizaram foi devida ao seu trabalho profissional, seja pastoral ou acadêmico, e não se lembraram de nenhum livro em especial. Um depoente chegou a afirmar: “Nunca cheguei a estudar o assunto de maneira profunda e sistemática”.

Chamou a atenção que, nesse período histórico, artigos de análise de conjuntura da América Latina eram prioridade nas leituras, depois vinha a literatura feminista e, num ato segundo ou até terceiro, livros ligados à Teologia Feminista, especialmente de teólogas alemãs e americanas. Destacaram-se nas entrevistas as relações que se procuraram fazer nas leituras do marxismo e do feminismo.

A organização de um grupo de mulheres, na Faculdade de Teologia, também possibilitou a leitura e a discussão coletiva de várias literaturas. Os homens entrevistados, no entanto, não relataram a leitura e a discussão coletiva de um livro. Algumas autoras feministas, especialmente brasileiras, foram citadas pelos homens e pelas mulheres, como Heloneida Studart, Rose Marie Muraro, Heleieth I. B. Saffioti. Dois livros foram bem marcantes para as mulheres: *Mulher – Objeto de cama e mesa* e *Se me deixam falar*.

Como afirmou Michelle Perrot (2005, p. 306), “existem, assim, livros-acontecimentos cujo impacto modifica a consciência dos leitores e que, ao provocar conversas, contatos e trocas, ganham corpo”, fornecendo

“a muitas mulheres novos modelos de identidade”. As leituras realizadas estavam em sintonia com a Segunda Onda do Feminismo, voltada para a busca de autonomia, igualdade, visibilização, direito ao corpo e ao prazer, na construção de uma nova identidade, isto é, mulheres como sujeitos da história. Chamou-me atenção que a leitura em especial de dois livros – *Se me deixam falar* (realidade da mulher boliviana) e *Mulher – Objeto de cama e mesa* – foi importante na formação do grupo de mulheres na Faculdade de Teologia em São Leopoldo. Sem dúvida, a leitura desses livros foi um acontecimento importante para uma geração de mulheres que estudou Teologia nesse período histórico. Bem como a articulação de uma leitura popular da Bíblia, dando enfoque à presença e à atuação das mulheres e à reflexão teórica de uma Teologia Feminista, articulada com teorias feministas, que naquele momento estavam circulando e sendo discutidas. Isso tudo em plena ditadura militar brasileira.

A autora Silvia Salvatici apontou em seu texto que as experiências das mulheres foram percebidas e reconhecidas como diferentes das experiências masculinas, servindo como desafio e crítica “à universalidade abstrata e neutra com a qual geralmente tendemos a identificar o ser humano. A experiência humana tem sido fragmentada em realidades múltiplas, marcadas significativamente por divisões de gênero” (Salvatici, 2005, p. 35). Isso também foi possível constatar na análise das entrevistas. Ambos, mulheres e homens, realizaram leituras feministas, mas o fizeram a partir de situações e interesses diferentes. Como é possível perceber na colocação de um dos entrevistados: “A necessidade provocada pela atividade acadêmica levou-me à leitura de autoras [...]”.

Foi interessante perceber que a leitura e reflexão da literatura teológica feminista foi posterior à leitura da literatura feminista. Percebeu-se que as teólogas estavam muito ligadas à Teologia da Libertação, por isso também apontaram em suas leituras para livros sobre análise de conjuntura e marxismo. A entrevistada Lori Altmann também apontou uma crítica em seu depoimento em relação a essa questão. Para Gustavo Gutiérrez (1976, p. 24), “a teologia é reflexão, atitude crítica. Primeiro é compromisso de caridade, de serviço. A teologia vem *depois*, é ato segundo”.

A Teologia Feminista veio mais tarde, também foi entendida como um ato segundo. As questões específicas relacionadas ao gênero e ao feminismo foram vistas, primeiramente, como “um desvio pequeno-burguês”. De acordo com autora Céli Regina Jardim Pinto:

O feminismo brasileiro nasceu e se desenvolveu em um difícilíssimo paradoxo: ao mesmo tempo que teve de administrar as tensões entre uma perspectiva autonomista e sua profunda ligação com a luta contra a ditadura militar no Brasil, foi visto pelos integrantes desta mesma luta como um sério desvio pequeno-burguês (Pinto, 2003, p. 45).

Isso também se refletiu na reflexão teológica brasileira e latino-americana. A Teologia Feminista nasceu como consequência do movimento feminista. Lori Altmann percebeu isso muito claramente. De acordo com o seu depoimento:

Eu... eu acredito que a discussão sobre o feminismo e a questão de gênero dentro da própria Igreja, também sofreu limitações, que quando esse mesmo problema que havia nas esquerdas também havia dentro da Teologia da Libertação, no sentido de que havia uma questão maior que era a questão da pobreza, a questão das classes sociais, e que qualquer outra questão, étnica, ou questão de gênero ou qualquer outros recortes eram considerados... ou a opção de sexual... usar a linguagem politicamente correta, não me lembro... era considerada então como um dividir, como enfraquecer a luta que tinha que ser de todos, então, ahn, num período em que se dizia então que a Teologia da Libertação tava... tava se enfraquecendo, tava sendo deixada de lado, na verdade ela tava se reformulando, então houve diferentes teologias da libertação... então, as facetas se diversificam, né, e se enxergam mais certos sujeitos que antes estavam sob a categoria pobres estavam invisibilizados, então, acho que essa discussão de gênero, feminista, ela surge num segundo momento dentro da própria Teologia da Libertação (Altmann, 2008, p. 22).

Lori apontou para um aspecto muito interessante. Ela afirmou que a discussão feminista e a questão de gênero sofreram limitações dentro da Igreja, pois estas não eram consideradas prioritárias. A Teologia da Libertação passou por um processo de reformulação, onde se visibilizou aquelas e aquelas que estavam sob a categoria “pobres”. A discussão feminista surgiu como um segundo momento dentro da Teologia da Libertação.

Wanda Deifelt (2004, p. 172) afirmou que somente a partir de 1993 as teólogas começaram a empregar o termo “feminista”, assumindo “gênero” como categoria de análise. A autora Silvia Regina de Lima Silva (1994) falou na II Consulta de Teologia e Culturas Afro-americanas e Caribenhas sobre “Teologia Feminista Latino-americana: intercâmbios”. Ela se baseou na teóloga Ivone Gebara, que apresenta a história da Teologia Feminista na América Latina em três momentos ou fases.

Essas fases não são cronológicas, nem se apresentam na forma de superação de uma fase a outra. O primeiro momento ou fase foi a descoberta da mulher como sujeito histórico oprimido. O segundo momento foi denominado de “feminização dos conceitos teológicos”. A terceira fase foi caracterizada pelo repensar das questões da identidade feminina, da antropologia, da cosmologia e da teologia que sustentam o discurso patriarcal, pois a Teologia Feminista supõe uma mudança radical na forma de pensar o mundo, as relações entre as pessoas com a natureza e a divindade.

Silvia Regina de Lima Silva (1994) também lembrou que Ivone Gebara salientou que a Teologia da Libertação, mesmo oferecendo uma visão mais coletiva de Deus e enfatizando a natureza social do pecado, não conseguiu mudar a antropologia e a cosmologia patriarcais nas quais se baseia o Cristianismo. A partir dessas considerações foi possível perceber as influências das teorias feministas na articulação de uma teologia feminista brasileira e latino-americana.

Segundo Jean Marie Goulemot, o ato de ler sempre produz sentido e essa prática é feita a partir de um lugar cultural. Nesse caso, a leitura não é simplesmente encontrar o sentido desejado por quem escreveu, o que implicaria consciência entre o sentido desejado e o sentido percebido. Ler é constituir, e não reconstituir um sentido (Goulemot, 1996, p. 107-108). A utilização desse conceito de leitura me ajudou a entender as diferenças nas leituras feministas realizadas por homens e mulheres luteranas. Realizar determinadas leituras foi uma estratégia e teve como objetivo produzir sentido, especialmente para as mulheres, proporcionando e justificando sua entrada em espaços antes ditos masculinos, como o estudo da Teologia e o ministério pastoral. As leituras feministas realizadas pelas mulheres questionaram teologias e práticas pastorais.

As leituras feministas realizadas pelos homens, sem dúvida, também questionaram teologias e práticas pastorais. Inácio Lemke (2008, p. 13)

disse que, como pastor, sempre procurou colocar as ideias feministas em seu trabalho, como, por exemplo, tomar cuidado com a linguagem, procurando sempre utilizar uma linguagem inclusiva, além de tomar cuidado com as mensagens dos cultos, bem como a busca de uma relação mais igualitária no cotidiano familiar. Ele também disse que sempre desafia as mulheres a falarem: “Puxa, mulherada, vocês têm que falar, eu não vou falar por vocês, vocês é que têm que lutar, ajudar a criar espaços... estou aí ao lado de vocês... continuo apoiando. Considero-me, sim, alguém que luta pra avançar esse movimento, sim”. S

Ilvio Meincke (2008, p. 8) disse que ele procura praticar no dia a dia, na relação familiar, a luta por direitos e deveres iguais. Percebeu-se também nas falas dos homens que “o pessoal é político”. Que as leituras feministas realizadas trouxeram mudanças não só para o trabalho, mas também para o cotidiano familiar.

As leituras que as mulheres realizaram constituíram-nas como sujeitos históricos, afirmando o direito de dizer a sua palavra, fazer as suas escolhas, lutar pelos seus direitos como profissionais (teólogas e pastoras), direito ao prazer, ao cuidado do corpo. A leitura realizada pelos homens os constituiu como profissionais (pastores e professores) que trabalhavam com mulheres, sendo uma conjuntura da época, como afirmou um dos entrevistados. No entanto, muitos entrevistados também apontaram para mudanças no seu cotidiano familiar, na relação com a esposa, e com as próprias companheiras de trabalho, no uso da linguagem inclusiva, na luta por direitos e deveres iguais. Um dos entrevistados respondeu que a identificação com o feminismo era, para ele, “parte do projeto de humanização e de direitos humanos” (Westhele, 2008, p. 5).

As entrevistas apontaram para uma geração de mulheres e homens que tiveram uma participação teológica e pastoral significativa num momento crucial da história brasileira. As leituras realizadas serviram de suporte teórico para o repensar teológico e pastoral na IECLB, em que as leituras feministas contribuíram para a abertura de novos horizontes e possibilidades. No entanto, ainda é necessário avançar na luta contra a hierarquia de gênero, conforme apontou a pastora aposentada Edna Ramminger (2008, p. 7): “o número de mulheres em funções de direção ainda é muito pequeno”.

Considerações finais

Através do horizonte aberto pelas entrevistas, foi possível perceber a circulação de diversas literaturas feministas, destacando-se a leitura de teólogas feministas alemãs e americanas. Teólogas brasileiras ou latino-americanas foram pouco citadas pelas mulheres e homens entrevistados. A leitura popular da Bíblia, numa perspectiva de valorização da mulher, ou das mulheres, esteve muito presente. A reflexão sobre as memórias das leituras feministas realizadas possibilitou perceber uma mudança nas perspectivas, isto é, a busca de uma Teologia Feminista própria, ou seja, brasileira e latino-americana, e de uma prática pastoral comprometida com as lutas populares, em que as experiências das mulheres se tornaram fonte de labor teológico.

As leituras feministas, que as mulheres e os homens de confissão luterana realizaram, fazem parte de uma história coletiva, ligada a uma luta em busca de igualdade nas diversas relações, seja na família, na sociedade ou na igreja. Perceber a historicidade das leituras feministas realizadas apontou para a pluralidade e a complexidade e suas múltiplas perspectivas nas relações que se estabeleceram ou não entre movimentos de mulheres, feminismos e a IECLB. A reflexão sobre as leituras feministas realizadas, sem dúvida, poderá ajudar no avançar da luta por igualdade. Romper a hierarquia de gênero continua sendo um desafio, pois essa hierarquia não foi abolida com a ditadura militar, em 1989.

Entrevistas

ALTMANN, Lori. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 23/4/2008, São Leopoldo (RS). Gravada e transcrita por Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC.

BAESKE, Sibyla. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 13/5/2008, via e-mail, São Leopoldo (RS). Acervo LEGH/UFSC.

BERGER, Christa. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 23/6/2008, via e-mail, Porto Alegre (RS). Acervo LEGH/UFSC.

DREHER, Martin Norberto. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 24/4/2008, via e-mail, São Leopoldo (RS). Acervo LEGH/UFSC.

DEIFELT, Wanda. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 28/3/2008, via e-mail, Decorah, IA 52101 EUA. Acervo LEGH/UFSC.

- HEMP, Silmar. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 18/4/2008, via e-mail, Chapecó (SC). Acervo LEGH/CFH.
- HERTEL, Hildegard. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 15/7/2008, via e-mail, São Leopoldo (RS). Acervo LEGH/CFH.
- KIRINUS, Gernote. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 23/3/2008, via e-mail, Curitiba (PR). Acervo LEGH/UFSC.
- KIRST, Nelson. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 13/6/2008, via e-mail, São Leopoldo (RS). Acervo LEGH/UFSC.
- LAMB, Regene. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 24/3/2008, via e-mail, Cachoeira do Sul (RS). Acervo LEGH/UFSC.
- LEMKE, Inácio. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 22/3/2008, Jaraguá do Sul (SC). Gravada, transcrita e organizada por Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC.
- LEMKE, Margit. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 30/4/2008, Rio das Antas (SC). Gravada, transcrita e organizada por Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC.
- MEINCKE, Silvio. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 21/1/2008, via e-mail, Schwäbisch Hall – Alemanha. Acervo LEGH/UFSC.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 19/10/2008, via e-mail, Volta Redonda (RJ). Acervo LEGH/UFSC.
- PANKE, Rita Marta. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 17/1/2008, Santa Cruz do Sul (RS). Gravada, transcrita e organizada por Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC.
- RAMMINGER, Edna. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 2/3/2008, Rio Claro (SP), via e-mail. Acervo LEGH/UFSC.
- SCHÜNEMANN, Silvia de Oliveira. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 23/6/2008, via e-mail, São Paulo (SP). Acervo LEGH/CFH.
- SILVA, João Artur Müller. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 20/5/2008, via e-mail, São Leopoldo (RS). Acervo LEGH/CFH.
- WESTHELE, Vitor. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 1/3/2008, via e-mail, St. Chicago, IL – EEUU. Acervo: LEGH/UFSC.
- WOLFF, Günter Adolf. Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, 24/3/2008, via e-mail, Condor (RS). Acervo: LEGH/UFSC.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. O lugar da História Oral. In: _____. *Ouvir contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-31.

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília: UnB, 1998.
- COSTA, Cláudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 11, n. 1, p. 254-264, 2003.
- _____. Feminismo, tradução, transnacionalismo. In: COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (Org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 187-196.
- DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: Interpretações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/Soter, 2004.
- FAVARO, Cleci Eulália. História Oral e memória. *Humanas*, Porto Alegre: IFCH, v. 16, n. 1, jan./jun. 1993.
- FREIBERG, Maristela Lúvia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Trad. Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: BOURDIEU, Pierre; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HIRATA, Helena et al. *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- HOBBSAWM, Eric. A revolução cultural. In: _____ *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 314-336.
- JARSCHER, Haidi. Algumas reflexões sobre o ministério feminino. In: L. HOCH (ed.). *Formação teológica em terra brasileira: Faculdade de Teologia – 1946-1986*. Edição comemorativa. São Leopoldo, Sinodal, 1986, p. 144-145.
- MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Herder, 1971.
- NECKEL, Roselane. *Pública vida íntima – a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Fontes, 1987.

- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a0v24n1.pdf>. Acesso em 29 jun. 2008.
- _____. Os sentimentos do feminismo. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (Org.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006a. p. 255-270.
- _____. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*, v. 26, p. 249-272, 2006b.
- _____. *Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)*. Projeto de pesquisa (março de 2007 a fevereiro de 2010) aprovado pelo CNPq. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, 23p.
- _____. O feminismo que veio do exílio: memórias de uma segunda onda no Brasil, na Argentina e no Uruguai (1964-89). In: REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis. (Org.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008a. p. 157-169.
- _____. *Os feminismos e os muros de 1968, no Cone Sul*. Texto preparado e apresentado na mesa-redonda “1968 – Cultura e Feminismo” no Simpósio Internacional “O ano de 1968: permanências e mudanças”, ocorrido na Unisinos, em São Leopoldo (RS) entre 14 e 17 de outubro de 2008b.
- PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2005.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, n. 15, São Paulo: EDUC, p. 13-49, abr. 1997.
- PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2001.
- ROMANO, Luis Antonio Contatori. A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Fapesp, 2002.
- RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. Trad. Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal. 1993.
- SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. Associação Brasileira de História Oral. *História Oral*, Recife: CNPq, v. 8, n. 1, 2005.
- SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sociopolítica na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- SCHWANTES, Milton. Entrevista: A teologia e o direito dos pobres. Disponível em: <amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=7288&cod_canal=46>. Acesso em: 14 jan. 2009.
- SILVA, Sílvia Regina de Lima. Teologia Feminista Latino-Americana: intercâmbios. II Consulta de Teologia e Culturas Afro-americanas e Caribenhas. São Paulo, 7-11 de novembro

- de 1994. Disponível em: <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/atab/cons22.html>. Acesso em: 14 jan. 2009.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez. 1990.
- STRÖHER, Marga J. A história de uma história – o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. *História UNISINOS*, v. 9, n. 2, p. 116-123, 2005.
- SUAIDEN, Silvana. Questões contemporâneas para a teologia: provocações sob a ótica de gênero. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/Soter, 2004. p. 143-152.
- ULRICH, Claudete Beise. *Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar (1964-1989) e a relação com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)*: Relatório Projeto Pós-doutorado. Bolsista Pós-Doutorado Junior CNPq; Supervisora de pesquisa: Profª Dra. Joana Maria Pedro (período dezembro/2007 a novembro/2008). Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC). Programa de Pós-graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. (janeiro de 2009).

Resumo: O presente artigo objetiva refletir sobre as leituras feministas realizadas por homens e mulheres ligados à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a sua identificação com os feminismos no período da ditadura militar (1964-1989). A fonte oral foi uma das principais fontes de pesquisa. A questão central foi o tipo de leitura feminista realizada. Foram constatadas diferenças e semelhanças nas leituras realizadas pelas mulheres e pelos homens luteranos entrevistados, constituindo e questionando o gênero, produzindo transformações na reflexão teológica e na prática pastoral daquele período histórico.

Palavras-chave: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; leituras feministas; identificações com feminismo; gênero; ditadura militar.

Lutheran women and men: feminist readings and identification with feminism in times of military dictatorship in Brazil (1964-1989)

Abstract: This article reflects on the feminist readings made by women and men connected to the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil and their identification with feminism in the military dictatorship period (1964-1989). The oral source was a major source of research. The central issue was about which kind of feminist reading was used. Similarities and differences were found in the readings performed by the interviewed Lutheran women and men, constituting and questioning gender, producing changes in theological reflection and pastoral practices of that historical period.

Keywords: Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil; feminist readings; identification with feminism; gender; military dictatorship.